

Quércia dá um mês para Ulysses crescer, senão libera o partido

CIDA FONTES

BRASÍLIA — O Governador de São Paulo, Orestes Quércia, apontado como o fiador da candidatura do Deputado Ulysses Guimarães, está dando mais um mês de prazo para que o candidato do PMDB empolgue o eleitorado. Preocupado com o desempenho de Ulysses, ele tem dito a políticos que, se a situação não melhorar até agosto, o PMDB terá que buscar outra alternativa.

O Governador não tem ainda na cabeça uma solução. Mas dá sinais de que uma das saídas seria liberar seus companheiros para votarem em outros candidatos. A baixa cotação de Ulysses nas pesquisas está assustando a cúpula do PMDB. Tanto que alguns parlamentares já se preocupam com a sua "cristianização" — movimento que ocorreu na eleição de 1950, quando o candidato do PSD, Cristiano Machado, foi abandonado pelas bases, na disputa contra Getúlio Vargas.

— Hoje, todo o PMDB quer se liberar de Ulysses Guimarães — disse um dos interlocutores de Quércia.

Parlamentares do PMDB de São Paulo têm, inclusive, cobrado de Quércia uma participação mais incisiva na campanha. Os coordenadores da campanha preferem, contudo, negar a versão de que Quércia não está colaborando como prometera. Argumentam que o Governador só não tem aparecido mais ao lado do candidato para não dar margem a interpretações de que o PMDB está usando a máquina estadual.

Entretanto, o próprio Governador, em conversas com outros políticos, já admitiu que, para viabilizar o seu projeto pessoal, a eleição do sucessor do Presidente José Sarney não deveria passar por São Paulo. Ele quer reinar sozinho no Estado para eleger seu sucessor ano que vem e reunir um forte cacife político para as eleições presidenciais de 1994. Provavelmente amanhã Quércia conversará com o candidato do PRN, Fernando Collor, sobre sucessão presidencial.

Os políticos que conversaram com Quércia nas últimas semanas afasta-

ram a hipótese de alterar a chapa do PMDB, caso Ulysses não decole até agosto. Segundo eles, seria muito difícil convencer o candidato a desistir, como também consideram impraticável inverter a chapa. Como o candidato a Vice, Waldir Pires, não ofereceu até agora tanta força eleitoral como esperavam até seus próprios aliados, a melhor saída seria mesmo liberar os peemedebistas. A liberação não significaria o desligamento do PMDB.

Antes mesmo da decisão dos Governadores Tasso Jereissati (CE) e Geraldo Mello (RN) de apoiarem Mário Covas, os Governadores Miguel Arraes (PE) e Alvaro Dias (PR) fizeram sucessivas críticas à campanha peemedebista. Alvaro comentou que os Governadores nem chegaram a ser consultados sobre o programa transmitido em rede nacional de rádio e TV no último dia 13.

Integrantes da Executiva, como o Deputado Márcio Braga, admitem que, caso Ulysses não chegue ao segundo turno, o PMDB terá uma garantia: a unificação do partido, em função do trabalho de mobilização interna, e cacife político para negociar com o futuro Presidente. Embora ninguém admita publicamente a derrota no primeiro turno, há setores que já conversam reservadamente sobre prováveis apoios no segundo turno.

O Governador Moreira Franco (RJ) chegou a revelar que seu destino será apoiar Fernando Collor no segundo turno, caso ele dispute com Leonel Brizola — mesma posição do Governador Pedro Simon (RS), ambos por diferenças regionais. Já Newton Cardoso (MG) vai optar por Brizola, em função das divergências com a Vice-Governadora Júnia Marise e com o Senador Itamar Franco.

Irritado com a escolha do ex-Governador Roberto Magalhães, seu adversário político, para Vice de Mário Covas, o Governador Miguel Arraes (PE) disparou:

— Se a opção no segundo turno for entre Collor e Covas, eu fico com Collor. Ele é louco e a gente não sabe o que ele vai fazer. Esse outro (Covas) já sabemos o que é.

Telefoto de Silvio Corrêa



Ulysses Guimarães: se até agosto não melhorar nas pesquisas, poderá ser "cristianizado"